

Resenha



GALERA, DANIEL. BARBA ENSOPADA DE SANGUE. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2012.

Willy Carvalho Coelho*
Universidade Federal de Minas Gerais

Daniel Galera nasceu em São Paulo. Segundo informações do próprio autor, passou a maior parte da vida (até o presente) em Porto Alegre. Começou a publicar, de forma independente, no fim dos anos 90. Tem no currículo uma considerável obra em construção. Iniciou com o livro de contos, *Dentes guardados*, e com a novela *Até o dia em que o cão morreu*. O burburinho do reconhecimento local fez com que Galera chegasse ao mercado do país. Através da Companhia das Letras, publica inicialmente *Mãos de cavalo* (2006). Na esteira do primeiro romance segue a edição de *Cordilheira* (2008). Em seguida, participa da composição da *graphic novel* (em parceria com o desenhista Rafael Coutinho) *Cachalote* (2010). Galera ainda divide o tempo da escrita criativa com o da tradução literária. É responsável pela versão em português de textos de relevantes ficcionistas de língua inglesa da atualidade.

O DRAMA DO HOMEM SEM NOME QUE NÃO RECONHECE O PRÓPRIO ROSTO NO ESPELHO

Barba ensopada de sangue é a história do professor de educação física, um homem de trinta e poucos anos de idade, que vive em Porto Alegre até ver seu casamento ser arruinado. Como se não bastasse, seu pai, um sujeito pintado como alguém distante e de difícil convivência, incumbe-lhe, ao se definir pelo suicídio, do sacrifício da cadela Beta, com quem vive há mais de quinze anos. O encontro entre pai e filho e o informe da decisão de se matar compõem parte do primeiro capítulo. Nele estão os indícios de toda a metodologia que Galera acerta para acompanhar os impasses da personagem sem nome, que sofre de um raro distúrbio de memória. Prosopagnosia é o termo médico. O transtorno o impede de reter, por mais do que alguns minutos, a imagem da face das pessoas, inclusive a da sua própria. É este o ardil utilizado para criar o escape adequado à personagem que se encontra à deriva, depois da sucessão de episódios traumáticos. Durante o diálogo com o pai, a recordação da semelhança física com o avô paterno trará consigo os fragmentos que esboçam uma história imprecisa acerca da identidade deste. A conversa despertará a curiosidade da personagem a respeito da temporada vivida pelo avô em Garopaba (pequena cidade turística do litoral catarinense), assim como alimentará a incerteza que cerca a história da morte de Gaudério (o avô) – um suposto assassinato. O primeiro capítulo concentra toda a tensão que se dissolve no desenvolvimento da narrativa. O trecho prenuncia as características da personalidade singular do protagonista. No clímax do

* carvalhocoelho@hotmail.com

embate absurdo que configura o anúncio do suicídio por parte do pai e o pedido de providência concernente ao sacrifício da cachorra Beta, presencia-se o encontro entre pai e filho que apenas a ideia da morte poderia provocar. Vencido pelos argumentos do pai, depois de absorvida a estranha razão que comanda o evento, vemos o acerto de contas entre pai e filho. A descrição do sentimento (seja de que ordem for) é a opção adotada por Galera, a ponto de criar diante de nossos olhos a cena em que o “Te amo, guri” (p. 35) final do pai provoca sinestesia. Tanto personagem quanto leitor se veem enredados, ainda que por segundos, numa ilusão sentimental. Mas não se trata de puro engodo. Na realidade, Galera produz uma situação em que a palavra vale o mesmo que a sensação do abraço, provavelmente tão desejado pelo filho. “Eu não aceitei. Não aceitei. Não encosta em mim” (p. 35), ouvimo-lo dizer. Mas, sabemos, seguindo o diálogo, que o pai não moveu sequer um dedo na poltrona em que se encontrava diante do filho. “Eu não ia encostar. Não tô nem me mexendo” (p. 35).

INADAPTAÇÃO GRADUAL

Depois da morte do pai, o homem viaja e se instala na cidadezinha de Garopaba. Ali põe em prática a tentativa de reinventar a própria identidade. Estamos no fim de temporada do ano de 2008. A história em primeiro plano que acompanhamos se passa, em quase sua totalidade, no período de baixa do turismo na cidade. Dividido em três partes, o romance narra a transformação gradual da personagem até sua completa adaptação ao ambiente, sugerida pelo prólogo, narrado, no futuro, pelo sobrinho do protagonista. A primeira parte mostra-o chegando à cidade com a cachorra Beta. Sabemos, então, que ele não conseguiu cumprir a promessa feita ao pai. A etapa inicial trata da acomodação do protagonista e de sua companheira canina. Ele conhece uma bonita garota com quem se relaciona, arruma emprego numa academia local e corre atrás de uma casa para se instalar definitivamente. Satisfatoriamente adaptado, o segundo momento do livro servirá de plataforma para que o protagonista alimente o estranho motivo que o levou à cidade. A investigação das circunstâncias da morte do avô, de quem é o sócia, impinge-lhe a reflexão sobre a identidade própria. Ironicamente, com a mesma facilidade com que se esquece do rosto dos outros e do próprio rosto, ele perceberá que a travessia do (quase) ano nessa espécie de retiro não garante, em reversão, o esquecimento de outras marcas da história pessoal. Curiosamente, são os detalhes que permitem que ele reconheça as pessoas com quem se relaciona. Ainda são os detalhes que possibilitam o acesso às lembranças da história pessoal e da história comum, partilhada com as pessoas que amou, que ama ou que simplesmente conviveu.

Dois aspectos (complementares) saltam aos olhos no “método” de Galera: a tentativa, à exaustão, de descrever tudo aquilo que é sentido, e o interesse pela variabilidade dos registros através dos quais apreendemos o real. É como se Galera tivesse lido com dedicação as cartilhas dos princípios de etnologia e dos princípios do behaviorismo, com uma diferença: ele escreve bem. Isso quer dizer, escrever com “graciosidade”, escrever de modo que a “forma” do discurso seja plasmada com “graça”; é assim que Costa Lima define uma das peculiaridades do discurso literário.

OBSESSÃO DESCRITIVA SERVE À IRONIA E AO ESCLARECIMENTO

O narrador em terceira pessoa projetado dessa vez por Galera operacionaliza o discurso indireto livre de forma peculiar e atordoante. A já referida característica do empenho de tudo descrever, de tudo analisar a níveis cada vez mais microscópicos tem como efeito a desmontagem de qualquer afastamento aurático que o discurso literário poderia ainda sugerir nos dias de hoje. E o que me vem à cabeça para dar contorno à metodologia de Galera é a ideia de profanação, como proposta por Agamben. Profanar seria uma forma de restituir ao uso comum dos homens aquilo que foi deslocado para uma esfera sagrada. Galera parece querer nos devolver, em imagens que causam choques intermitentes, um real depurado. Se pensarmos que, na atualidade, o mercado e o academicismo (penso sobretudo nas disciplinas “científicas”) representam as instâncias de legitimação do discurso, torço para que Galera permaneça na contramão. O destino armado para o protagonista é um flerte, malogrado, com a tentativa de escapar do mundo administrado pela mercadoria e pela verdade científica. É preciso apostar que todo o aparato midiático que cerca *Barba ensopada* não desmereça a descrição obsessiva do narrador, que busca, numa via alternativa, a crítica do contexto que o gera. Para isso, não poupa sequer a “sacralidade” da literatura e adjacências – o irmão do protagonista é um escritor que não aparece bem na foto, vamos dizer assim. Sua ex-mulher é executiva júnior de uma editora de livros infantis em São Paulo. O saldo de seu retrato inspira afetação e clichê. O discurso do narrador não poupa ninguém, não poupa circunstância nenhuma.

A captura do atual é outro critério do diapasão da narrativa. Somada à postura descritiva, ela cria uma “técnica” singular, que nos apresenta a invenção de mundos particulares, filtrados por uma lente de objetividade. Da mesma forma que o recurso nos brinda com algumas cenas tocantes, o registro médio do romance nos lembra com frequência da atmosfera de boçalidade em que nos encontramos irremediavelmente inseridos. A cena da descrição da memória do sexo entre o protagonista e Dália, um pequeno e belo conto incrustado no meio da primeira parte, inscreve o nome de Galera no rol dos narradores eróticos, como Philip Roth e Rubem Fonseca; saindo na vantagem, por saber controlar o peso da escatologia. Os momentos que captam a relação do pai do protagonista, assim como a relação dele próprio, com a cachorra Beta são preciosos e servem à motivação da narrativa de refletir sobre os limites da cultura e da natureza. Mas, como dito, Galera não poupa ninguém. E seu recurso descritivo serve à ironia, no sentido de nos apresentar, às escâncaras, a arrumação do ambiente social. Pelos olhos do homem que não grava imagens da face humana, vemos esquetes dos relacionamentos promíscuos e meio estúpidos entre adolescentes tardios, deparamo-nos com a figura incongruente (entre o afetuoso e o espertalhão) de Bonobo, temos acesso à inconsciência e à futilidade da mulher de meia idade da classe média (representada pela mãe do protagonista), e ainda ao clichê de personalidade, vivido por uma segunda namorada, a mestranda em Psicologia Jasmin.

Para finalizar, proponho um exercício interpretativo. Se forçássemos uma leitura crítica embasada no princípio evolutivo e que se permitisse a fantasia de uma espécie singular de alegoria, poderíamos interpretar o distúrbio neurológico do protagonista como o prenúncio de um futuro muito próximo. Nele, todos nós, tragados para o turbilhão

imbecilizante da imagem veloz em movimento (da TV à internet), não conseguiremos nos lembrar da face do sujeito que acabamos de conhecer, ou mesmo do próprio rosto. Talvez o mais certo seja que não consigamos identificar qualquer sinal de diferença na homogeneidade poderosa com que o recurso da mercadoria nos condiciona, como se tudo parecesse estar sob nosso controle. É num mundo desses que a literatura não deve se esquivar. Penso que Galera cumpre bem esse papel. Certamente isso faz com que espere o próximo título.

